

## “São Valentim da Terceira Idade” – Explorando a Sexualidade entre Idosos<sup>1</sup>

Maíla Diamante Brun<sup>2</sup>

Mauro César Silveira<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, SC

### RESUMO

O presente *paper* refere-se à produção da crônica *São Valentim da terceira idade*, publicada no segundo semestre de 2011 na *Zero Revista*. A revista é realizada pelos alunos da disciplina Redação V da Universidade Federal de Santa Catarina, orientados pelo professor Mauro César Silveira. Numa tentativa de experimentação de linguagem e tema, busquei produzir um texto que captasse a singularidade de um relacionamento amoroso e da vida sexual na terceira idade. Nesse sentido, técnicas de entrevista em profundidade foram exploradas para fazer com que a principal personagem retratada na crônica tivesse a confiança de revelar sua intimidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** crônica; jornalismo; literatura; terceira idade

### 1. INTRODUÇÃO

A *Zero Revista* é uma produção que permite aos alunos de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina experimentar uma linguagem mais opinativa e literária dos fatos cotidianos. Essa possibilidade, porém, não se distancia do interesse jornalístico em explorar realidades vividas por grupos socialmente mais vulneráveis, mesmo que a linguagem não seja a mesma das chamadas *hard news*.

Pensando nessa dupla função de sensibilizar o leitor para algumas vivências e experimentar uma escrita liberta das fórmulas do jornalismo puramente informativo, foi realizada a crônica *São Valentim da Terceira Idade* para publicação na referida revista. Focando nos relacionamentos entre pessoas da terceira idade, o texto busca afastar o estereótipo de solidão e inutilidade da velhice, como denunciado por Simone de Beauvoir.

### 2. OBJETIVO

Com a crônica *São Valentim da Terceira Idade*, quis mostrar o relato de vida de dona Maria Galdino, que poderia ser o de muitas senhoras idosas que mantém a capacidade de usufruir

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Opinativo.

<sup>2</sup> Estudante do 6º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: maíla.filo@gmail.com

<sup>3</sup> Professor orientador do trabalho.

dos romances e do sexo e enfrentam o imaginário construído de que o idoso é um ser fadado ao tédio. A ideia foi opor-se a mentalidade preponderante de que a juventude é a única fase em que se pode aproveitar a vida. Essa crônica foi originalmente composta como trabalho final da disciplina Redação V para publicação na *Zero Revista*, da Universidade Federal de Santa Catarina.

### 3. JUSTIFICATIVA

O culto contemporâneo aos jovens, na busca de corpos perfeitos, mentes competitivas e vigor individualista pode levar ao esquecimento de que os relacionamentos entre as pessoas não têm idade. Essa idealização, que escraviza os próprios jovens, se choca com o amadurecer natural da vida. No livro *A velhice* (1970)<sup>4</sup>, Simone de Beauvoir denuncia que o idoso é encarado um objeto incômodo, inútil, e quase tudo que se deseja é poder tratá-lo como quantia desprezível. Segundo ela, a sociedade de consumo os condena à miséria, à solidão e ao desespero. Antes de tudo, exige-se deles a serenidade; afirma-se que possuem essa serenidade, o que autoriza o desinteresse por sua infelicidade.

A crônica São Valentim de terceira idade é um brinde à possibilidade de que o sexo e o gozo da vida podem sim ser próprios de uma idade avançada. Para transmitir o aspecto lírico dessa visão, a linguagem escolhidas entre os gêneros jornalísticos foi a crônica. O texto justifica-se por ir na contramão da idealização da juventude, que traz uma visão distorcida tanto por parte dos idosos em relação a si próprios como por parte do futuro que também será alcançado pelo jovem.

### 4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A crônica é um espaço para exercer a liberdade autoral. Temas e linguagem podem ser experimentados, embora haja a limitação de espaço própria de onde mais o gênero se desenvolveu: no jornalismo impresso. Giamon<sup>5</sup> lembra que na crônica podemos encontrar

<sup>4</sup> BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

<sup>5</sup> GIACON, E. M. O. **Construção da Narrativa** In: Revista Página de debates: questões de lingüística. Ed. 13 - Campo Grande: 2011. Disponível em <http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/13/Arquivos/12%20Eliane%20giacon.pdf> (acessado em 20 de fevereiro de 2012).

figuras de linguagem, personagens, ambiente, suspense e outras características típicas do texto literário. É que relaciona os fatos do dia-a-dia, o jornalismo, com a literatura. Segundo José Marques de Melo<sup>6</sup>,

“o cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores. Atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva. É por isso que muitos cronistas buscam inspiração no jornal. Realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia-a-dia”.

Antonio Candido ressalta a condição de comentário leve, apresentando-a como “composição aparentemente solta, com ar de coisa sem necessidade, que se ajusta à sensibilidade de cada dia” (1992). Jorge de Sá<sup>7</sup>, por sua vez, explica que ela consiste num “registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata um fato (...) a muitos leitores que formam um público determinado.”

Em *A Criação Literária*, Massaud Moisés vê no cotidiano o único assunto do gênero e acredita que as crônicas são textos fugazes - mesmo ao serem publicadas em livro -, que não possuem a durabilidade do romance ou do conto.<sup>8</sup> “São Valentim da terceira idade” valeu-se desse despojamento possível à crônica descrito pelos pesquisadores e fez sua escolha de um tema do dia a dia, no caso, as singularidades de um relacionamento de uma idosa.

Técnicas de entrevista da personagem retratada foram utilizadas na caracterização da personagem. Nilson Lage<sup>9</sup> classifica os tipos de entrevista em ritual, temática, testemunhal e em profundidade. No caso da última, define que seu objetivo “(...) é a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida”. Nos dois encontros realizados com dona Maria, a situação de livre diálogo permitiu enxergar as nuances de seu discurso e vivência.

<sup>6</sup> MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>7</sup> SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Autêntica, 1997.

<sup>8</sup> AIMÉE, A. *A Crônica em Foco – Revisão da Crítica e Análise das Características do Gênero* In Cadernos do CNFL, VOL. XII, Nº 07.

<sup>9</sup> LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: 2006.

São muitas as classificações das crônicas, que variam conforme o enfoque do teórico. Cândido<sup>10</sup> define quatro delas. A crônica-diálogo é o resultado do revezamento de pontos de vista e informações em interlocutor e cronista, característica de Fernando Sabino. A crônica narrativa apresenta uma estrutura ficcional semelhante ao conto. Quando há uma divagação sobre um acontecimento ou personalidade, a crônica é do tipo exposição poética. Por fim, para o autor a última caracterização é a crônica biográfica-lírica, uma produção narrativa poética da vida de alguém.

Coutinho<sup>11</sup> qualifica as crônicas em seis tipos. Quando a proximidade com o conto é mais visível, pois se desenvolve em torno de um episódio e apresenta personagens, a crônica é do tipo narrativa. A crônica é narrativa quando há reflexões filosóficas sobre o cotidiano, sobre os homens, sobre o geral que se esconde no particular dos fatos. A crônica poema-em-prosa seria o “extravasamento da alma do artista”, povoada de “episódios cheios de significados”, com conteúdo lírico. A crônica-comentário, ou “bazar asiático”, trata de vários assuntos diferentes. Já a crônica-informação divulga fatos, comentando-os.

Já Massaud Moisés<sup>12</sup> tipifica dois tipos de crônica, baseado na questão da ambiguidade do gênero: a crônica-poema, uma prosa emotiva que chega ao verso; e a crônica-conto, em que o autor narra um acontecimento que provoca sua atenção. Considerando essas classificações, podemos enquadrar a crônica “São Valentim da terceira idade como crônica narrativa, considerando as categorias de Cândido e Coutinho, ou crônica-conto, segundo Moisés. A crônica narrativa, como a mais próxima do conto, permite o desenvolvimento de elementos do conto, como ambientização, caracterização de personagem e enredo. Esses elementos foram explorados no texto produzido, de forma a dialogar com a literatura.

## 5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A personagem foi escolhida após alguns encontros realizados com idosos que frequentavam o Clube do Vovô de Maringá – PR, cidade onde mora minha família. Entre três personagens com quem tive a chance de conversar, chamou-me mais a atenção Maria Galdino, pois além das peculiaridades de sua personalidade, suas histórias tinham mais o perfil de universalidade sobre as questões que tocam as pessoas na terceira idade.

<sup>10</sup> CANDIDO, A. **À guisa de introdução: A vida ao rés-do-chão**. In: A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações. Campinas: Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

<sup>11</sup> COUTINHO, A. **Ensaio e crônica**. In: A literatura no Brasil. São Paulo: Global, 2003, vol. 6.

<sup>12</sup> MOISÉS, M. **A criação literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

Conheci dona Maria por intermédio de minha avó, que também frequenta o clube. Marcamos um encontro em sua casa e estivemos conversando sobre suas atividades diárias, seus desejos e sua vida afetiva durante uma tarde inteira. Quando falou de seu caso romântico com Agenor, investi no assunto, pois me parecia que explorá-lo num texto seria uma forma de mostrar que essa importante dimensão humana pode e deve se manter naquela fase da vida.

Para atingir um caráter informal na conversa, não gravei nem tomei notas sobre o que falávamos. O texto foi escrito no dia seguinte, para que eu tivesse o tempo de amadurecer o conteúdo ressaltado em meio aos vários temas que foram surgindo durante o diálogo como para amadurecer a linguagem.

A crônica produzida foi publicada no segundo semestre de 2011 na *Zero Revista*, publicação realizada pelos alunos da disciplina de Redação V da Universidade Federal de Santa Catarina, que procura desenvolver a experimentação de jornalismo interpretativo e opinativo.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A crônica é um gênero jornalístico e literário caracterizado pela capacidade de permitir um outro olhar a situações rotineiras ou peculiaridades da vida das pessoas comuns. Os pontos de intersecção entre o jornalismo e a literatura são presentes em características como possibilidade de uso de personagens e enredo, uso de figuras de linguagem, ambientação, entre outras. “São Valentim da terceira Idade”, enquanto crônica-conto ou crônica narrativa, procurou utilizar-se desses recursos, que foram amadurecidos após a realização de entrevista em profundidade realizado com a personagem retratada no texto.

Atentando para a sensibilização da realidade social do idoso, o texto buscou fugir do olhar de que essa etapa da vida é a concretização de um declínio na sociabilidade, como denuncia Simone de Beauvoir. O exercício da opinião que o gênero permite também foi experimentado na execução do texto, seja através do olhar da personagem retratada, seja através da avaliação exterior dos relacionamentos da sociedade contemporânea. A busca jornalística e democrática de visibilização das condições de grupos sociais marginalizados, como é a velhice em tempos de culto à juventude, se concretizou num texto que procurou explorar a delicadeza do relacionamento de Maria Galdino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIMÉE, A. **A Crônica em Foco** – Revisão da Crítica e Análise das Características do Gênero In Cadernos do CNFL, VOL. XII, Nº 07.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- COUTINHO, A. **Ensaio e crônica**. In: A literatura no Brasil. São Paulo: Global, 2003, vol. 6.
- CANDIDO, A. **À guisa de introdução: A vida ao rés-do-chão**. In: A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações. Campinas: Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- GIACON, E. M. O. **Construção da Narrativa** In: Revista Página de debates: questões de lingüística. Ed. 13 - Campo Grande: 2011. Disponível em <http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/13/Arquivos/12%20Eliane%20giacon.pdf> (acessado em 20 de fevereiro de 2012).
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: 2006.
- MELO, J. M.. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MOISÉS, M. **A criação literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Autêntica, 1997.

## ANEXO

### São Valentim da Terceira Idade

"Desci do prédio e vi ele encostado ao ponto de ônibus. Pensei que tinha tido o azar de marcar encontro com um pé-rapado. O homem era um pão, mas pão-duro eu não queria não."

Longe de encontrar esse depoimento em revista para adolescentes, a sinceridade veio da lábia experiente de dona Maria. Maria cheia de graça e libido. Do sertão cearense, trouxe consigo ainda moça o sotaque e o calor, dos quais não arredou pé nem no clima ameno do Sul. "Lá os homens são mais chegadinhos, visse?" Hoje vive de pensão rala e aposentadoria minguada, mas há 40 anos era primeira-dama de Terra Rica, cidadezinha do cafundó paranaense, fronteira ao cafundó paulista. Neuto Galdino, o falecido marido e ex-prefeito, caíra nas graças daquela mulher a quem chamava de rainha. Bonita, Maria tinha a personalidade de uma majestade do cangaço.

Além das visitas desencarnadas de Neutinho "ao menos um sábado por mês", o que mantém o sorriso resistente aos mais de 79 anos são os bailes dominicais, com o perdão do Senhor

pela atividade em dia de descanso. Desde que se estabelecera em Maringá, há 10 anos, sua chegada no Clube do Vovô é aguardada ansiosamente pelos melhores pés-de-valsas da sua faixa etária. A preferência? Um rala-coxa bem coladinho, tendo o parceiro namorada ou não. O compasso e uma boa pança fazem parte dos pré-requisitos na escolha do parceiro de dança. Ela explica que a barriga a poupa do inconveniente da animação excessiva do companheiro, estimulada pelo balanço do soltinho. “É bom porque não encosta lá.”

Mas quem Maria realmente queria ver com esse vigor todo tomava remédio para tratar da depressão e da insônia. Agenor, 67 anos e pinta de cinquentão, além de não sorrir também não dançava. Ainda assim ela o escolheu como pretendente. No dia do encontro soube que não era o pé-rapado que julgara: tinha carro e aposentadoria confortável. O gol 2003 foi estreado dez minutos após a apresentação e os três beijinhos. Ela respondeu ao convite para dar umas voltas com um sorrisinho escorregadio, quase sem vontade. Por dentro, porém, lhe queimava o ardor de um Nordeste guardado desde a morte de Neuto.

Pararam numa rua escura. A passagem de duas moças ao lado de onde Agenor estacionou deixou-a acanhada, fazendo-a desviar da primeira tentativa de beijo. “Elas ficarão é com inveja, Maria”. Os olhos abrilhantaram-se com a promessa, que foi devidamente cumprida num beijo cinematográfico.

As janelas já gotejavam o suor dos dois corpos. No frescor da noite contrastando com a temperatura de dentro do carro, encerra-se o primeiro carinho, que parecia interminável. Maria riu da limpeza que Agenor fez com o polegar no canto da boca. Começaram, aos risos, o round II, dessa vez dando espaço a mãos sem destino definido. Ela esquentou ao sul de seu Equador, enquanto Agenor não moveu um milímetro do “músculo”. Tamanha inércia foi notada pela malícia de mulher observadora: “Ai pai, homem bom que nem esse não funciona bem da carne?”

Não foi difícil descobrir que este era o motivo da depressão do homem. Junto à descoberta veio o telefonema, no dia seguinte, avisando-a da despedida. “Você não me quer então, Agenor?” Querer ele até queria. Mas não conseguiria nem com ela, nem com mulher nenhuma. Do sexo só colhia a secura de uma caatinga desabitada. “Você está certo, eu preciso de varão inteiro. Mas pensa, homem! Neuto tinha isso também. Foi ao médico, sarou. Tem remédio, visse? Se quiser, te espero.” Não se viram mais.

No dia 12 de junho, São Valentim desculpa aos brasileiros pelo atraso de quatro meses em comemorar sua data. O inverno rigoroso no comércio precisa das graças desse tal de Valentim. Que a sequência do calendário seja dia de Santo Antônio, o casamenteiro, é por pura coincidência: enlace matrimonial já é folclore do século passado. Hoje padre dá lugar a

advogado, jura dá lugar a contrato e as bodas dão bode só de pensar em tanto tempo ao lado de uma mesma pessoa. Até dona Maria pensava assim: namoro, só se cada um vivesse em sua respectiva casa. Mas mesmo em tempos pós-modernos Valentim dá espaço para umas pitadas de romance.

Nosso santo apaixonado tinha um milagre na manga para presentear o casal. Um segundo telefonema, uma semana depois, acaloraria Maria mais que os três cobertores que a protegiam do dia mais frio do ano. “Funcionou, minha rainha! No outro dia fui ao médico, e com uns dois dias de remédio e a sua lembrança durante a insônia eu ressuscitei!” Às cinco horas da tarde, tanto ela quanto ele começaram o ritual: um banho escaldante para sumir com as impurezas cotidianas – as de corpo e de alma. Ela, perfumes e maquiagem discreta; ele, asseamento e barba feita. Mais que São Valentim, celebrariam naquele dia uma Páscoa pagã. Santa seria, para eles, a ressurreição do divino desejo.